

IMPLICAÇÕES DA PSICOLOGIA NO CONTEMPORÂNEO

GUARESCHI, Neuza H.; HUNING, N. M. (Orgs.). Implicações da psicologia no contemporâneo. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2007.

Maria

Aparecida dos Santos Crisostomo*

“Implicações da Psicologia no Contemporâneo”, de Guareschi e Huning (2007), é um livro constituído em oito capítulos que traz para a discussão problemáticas referentes às implicações da psicologia na contemporaneidade, abordando questões como políticas públicas de saúde e educação, de atenção à infância, de identidade, processos de subjetivação de trabalhadores na área de saúde; problematiza e desnaturaliza noções de risco e vulnerabilidade social, a paternidade na contemporaneidade; questiona teorias psicológicas e seu enredamento na construção de “categorias de pessoas” (infâncias, adolescências, agressores, vulneráveis...) e práticas culturais, tais como mídia e tecnologias. Além dos estudos sobre essas temáticas contemporâneas, propõe a reflexão sobre a Psicologia Social como Ciência e prática cultural, afirmando a necessidade do diálogo na multiplicidade e intertextualidade dos saberes como possibilidades de novas estratégias de construção de conhecimento.

No capítulo I, Bernardes, Medeiros e Guareschi (2007) discutem a questão da Saúde e políticas públicas: objetivações de práticas psicológicas, argumentando que o conceito de saúde na Psicologia é produto de práticas discursivas e provocadoras de formas de subjetivação dos indivíduos. Tais práticas não só determinam modos de viver como também a maneira de o humano relacionar-se consigo mesmo, não como algo da essência humana, mas como construto social.

Nós, peritos? Os agentes “psi” frente ao Ato Infracional, problematizado no capítulo II, por Silva (2007), aborda as linguagens da juventude urbana e defende a escuta do funcionamento psíquico do sujeito ligado às drogas e ao ato infracional. Silva aponta para a existência de um discurso corrente que justifica e autoriza as práticas de violência e criminalização dos jovens no contemporâneo. Numa sociedade de consumo como a nossa, aqueles que não conseguem acesso ao objeto de desejo lutam apenas pela subsistência utilizando-se da violência como uma forma de enfrentar a violência instituída pelos dispositivos de poder do contemporâneo. Nesse universo, o uso de drogas e o ato infracional são respostas da juventude urbana às imposições da modernidade, fenômeno constante de “inventar e reinventar-se” por caminhos incertos e não sabia

* Psicóloga; Docente em Psicologia Social (Unip - Sorocaba); Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de Sorocaba.
E-mail: mapscri@gmail.com

dos, num turbilhão de incertezas do “consumir e consumir-se”.

Hillesheim e Guareschi, no capítulo III, criticam a Psicologia do Desenvolvimento e seus modos de descrever a infância como algo dado, universal, natural, essencial e inquestionável; propondo um novo olhar em direção à concepção de infância, entendida por essas autoras como uma invenção e construção social. Enfatizam a relevância de se considerar diferenças de gênero, classe social, raça, etnia, religião e nacionalidade, na compreensão das “infâncias”.

A reflexão proposta no capítulo IV é de Hennigen, sobre os discursos das disciplinas “PSIS” referentes à paternidade na contemporaneidade. Os modos como o pai vem sendo referido pela literatura científica nos campos da Psicanálise e Psicologia ora descrito como figura, ora apontado como papel, se desmistifica na atualidade pelas novas concepções de família, infância e subjetividades. Na contemporaneidade, a paternidade, a condição do pai deve ser entendida como um processo dinâmico de construção histórica, herdeira de seu tempo e espaço, regulada por práticas de significação estabelecidas e diferenciadas de outras situações.

Em Psicologia: da (a)normalidade ao risco do capítulo V, Huning questiona o conceito de risco social produzido pela Psicologia e propõe uma reflexão sobre essas construções. Huning defende que tanto as categorias de normalidade e outras diferentes, construídas nos discursos e práticas cotidianas, ao naturalizarem-se, cristalizam sujeitos em determinadas posições, engendrando relações assimétricas. Argumenta, ainda, que os modos como compreendemos a questão da diferença (e das identidades) determinam as possibilidades e impossibilidades de ação dos sujeitos, bem como instituem ou transformam as relações de desigualdade social.

No capítulo VI, “Políticas públicas para a infância, inquietações da psicologia”, Cruz critica o fenômeno da vulnerabilidade na (da) infância em situação de abrigo. Problematizando os critérios adotados pelo Conselho Tutelar para a aplicação da medida protetiva às crianças vítimas de violência doméstica, a autora discute a negligência dos pais, questionando se esta não estaria sendo utilizada como substituto ao problema socioeconômico. Como proposta, argumenta sobre a relevância de discussões que privilegiem as negligências em todas as instâncias: dos pais, das políticas públicas e da formação acadêmica – com seus conhecimentos técnicos e práticas avaliativas adaptacionais. Para a autora, problematizações para além do campo psi apresentam-se como possibilidades de um espaço político com suas lutas cotidianas, e para tal, defende a descolonização de olhares e escutas tecidos por outros saberes.

Hoenisch, no capítulo VII nos convida a compreender a complexidade da psicologia dissertando sobre um dos campos de atuação do psicólogo nos programas de proteção

testemunhas. Argumenta sobre a pluralidade de abordagens e teorias utilizadas na compreensão da constituição do sujeito e sua realidade e a relevância do sentido polissêmico na busca de compreensão dos sentidos dados da/na singularidade desses agentes sociais. Aponta como possível perspectiva teórica no trabalho com os beneficiários, uma Psicanálise em que o sujeito psíquico seja compreendido em conflito entre natureza e cultura e sob efeitos discursivos. A contribuição possível assenta-se numa postura ética de aceitação e reconhecimento do outro como sujeito desejante.

Em “O Conceito de Castração: seu lugar na sociedade contemporânea”, Hausen nos convoca à discussão sobre diferentes modos de subjetivação humana, desde a criação, por Freud, da teoria psicanalítica, no final do século XIX, até nossos dias atuais. A autora se apropria do conceito psicanalítico de Castração para fazer um contraponto entre o significado deste no solo cultural da Psicanálise emergente e a da sociedade atual, a da aceleração. Destaca o papel da mulher, no desenvolvimento da teoria psicanalítica, como pano de fundo para compreensão da neurose e seus sintomas. O que não podia ser dito ou vivido evidenciava-se como sofrimento psíquico. Era a sociedade da repressão dos impulsos, dos desejos, adiados por expectativas sociais.

Na sociedade contemporânea com a vivência de um tempo acelerado e fugidio não há lugar para construções de relações afetivas, tudo precisa ser vivido agora, o corpo age sem elaboração simbólica. O outro e seu corpo é tomado como objeto de gozo tão somente sem que se processe o reconhecimento da diferença. São as chamadas relações narcisistas, segundo Zimerman (1999), construídas à própria imagem e semelhança, desprezando-se as diferenças, desconsiderando-se o “Outro”.

Caetano Veloso, no seu disco “Circuladô Vivo” (1992) na faixa Sampa apresenta em uma parte dos versos, como se configuram as novas subjetividades na contemporaneidade, na era da aceleração, eu o cito fazendo uma reflexão das conseqüências subjetivas do não reconhecimento da alteridade, da impossibilidade de crescimento enquanto saída do narcisismo e descentramento de si.

[...] Quando eu te encarei
Frente a frente
Não vi o meu rosto
Chamei de mau gosto o que vi
De mau gosto, mau gosto
É que Narciso acha feio

O que não é espelho
E a mente apavora o que ainda
Não é mesmo velho
Nada do que não era antes
Quando não somos mutantes...
E foste um difícil começo
Afasto o que não conheço
E quem vende outro sonho
Feliz de cidade
Aprende depressa
A chamar-te de realidade
Porque és o avesso do avesso
Do avesso do avesso [...]

Referências

- BAUMAN, Z. Modernidade líquida. Rio de Janeiro: Zahar, 2001
LAPLANCHE, J., PONTALIS. Vocabulário de psicanálise. São Paulo: Martins Fontes, 1995.
VELOSO, C. Sampa. In: VELOSO, Caetano. Circuladô vivo. São Paulo, 1992.
ZIMERMAN, D. Fundamentos e técnicas psicanalíticas. Porto alegre: Artes Médicas, 1999.